

Aguapés invadem o Lago Paranoá

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press

» ANA POMPEU

Usuários do Lago Paranoá e moradores da orla, principalmente do Lago Sul, observaram a volta dos aguapés nos últimos dias. Nos períodos chuvosos, essas plantas surgem e tomam conta dos espelhos d'água. A presença é mais notada no braço sul do reservatório, por ser uma região mais poluída. Com as precipitações, as enxurradas levam terra e outras substâncias para o lago. O vento também faz o seu papel e ajuda a desprender as plantas e arrastá-las para o meio. Em alguns locais, onde ocorre o fenômeno do **assoreamento**, a planta se aglomera e forma ilhas, quando as raízes se encontram com o fundo.

Em frente à casa do aposentado Antônio Carlos Scartezini, 67 anos, na QL 16 do Lago Sul, o canal de água está quase fechado pelas plantas. "Domingo, estava tudo certo. Na segunda, acordamos com essa surpresa, que está aí desde então", conta. No ano passado, ele acionou vários órgãos ligados ao meio ambiente, como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), o Polícia Florestal, a Agência Reguladora de Águas, Energia e Saneamento Básico do Distrito Federal (Adasa) e a Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Caesb), sem sucesso. "Você nunca sabe com quem vai se entender. O descaso com o meio ambiente desses governos é absurdo. Prometeram uma máquina para retirar as plantas este ano. Cadê?", questiona Antônio Carlos.

De acordo com o superintendente de Operação e Tratamento de Esgoto da Caesb, Carlos Eduardo Pereira, no fim deste mês o equipamento estará em funcionamento. A máquina é um barco que desenraíza e captura as plantas. O órgão comprou a embarcação nos Estados Unidos por US\$ 1 milhão. Em dezembro de 2010, o Correio publicou reportagem na qual o superintendente definia junho do ano passado como prazo para o novo aparelho estar em atividade. "A licitação começou no meio de 2010. Compramos o barco americano, que precisou ser construído sob medida para a Caesb, o que foi feito em quatro ou cinco meses. Ele veio de navio para cá, numa viagem de 45 dias. No momento, estamos em processo de desembaraço alfandegário", explicou, mencionando a fase de liberação na alfândega brasileira. O barco tem capacidade para remover 100 toneladas de aguapés por dia.

Carlos Alberto diz que não é possível dizer que os aguapés estão em maior número no Lago



Morador do Lago Sul, Antônio Scartezini acionou vários órgãos para tentar retirar os aguapés da frente de casa

Mau uso do solo

É o acúmulo de sedimentos pelo depósito de terra, areia, argila, detritos etc., no fundo de um reservatório devido ao mau uso do solo e à degradação da bacia hidrográfica. De acordo com o professor Paulo Salles, esse é o maior problema no Lago Paranoá atualmente. As galerias de águas pluviais levam lixo para a água, assim como as enchentes arrastam a terra das obras do DF. Os sedimentos se acumulam e formam bancos de areia. Dessa forma, o lago perde em volume de água. Pesquisas da UnB já apontam que o lago teve redução de 7% por conta do problema.

Paranoá, mas isso seria um fenômeno natural dos tempos de chuva. A planta nasce entre o Zoológico e a Vila Telebrasília. "Eles são um excelente filtro de cargas urbanas, têm um papel ecológico muito grande, mas quando estão se multiplicando, causam um efeito visual muito ruim", afirma.

Controle necessário

Professor de ecologia e educação do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília (UnB), Paulo Salles confirma a tese do superintendente da

Caesb, mas alerta para a necessidade do controle da planta, mesmo que, no momento, não se possa considerar o lago poluído. "O aguapé no lago é um exemplo fantástico de como o homem pode manipular os recursos naturais. A presença dele significa a disponibilidade de nutrientes, a poluição por matéria orgânica. As plantas podem reduzir esses nutrientes, se mantidas sob controle", esclarece. O problema, de acordo com ele, é quando a planta prolifera desgovernadamente. As folhas crescem e vedam a passagem do sol, impedindo a fotossíntese e provocando a morte de peixes, que precisam do oxigênio produzido pelo processo.

O professor recorda o problema causado pela multiplicação de algas na década de 1970, quando Brasília ficou "fedida pelo apodrecimento da carne dos peixes que morreram sem oxigênio". Antes que esse cenário extremo se repita, outros transtornos aparecem. Essas plantas são abrigo para animais peçonhentos, como cobras, o que significa um risco para a população que se banha no lago. O lazer também fica prejudicado pela dificuldade de praticar esportes quando o espelho d'água está tomado.

Angela Dornelles, 24 anos, dá aulas de remo no clube da Associação Atlética Banco do Brasil (AABB). No ano passado, os alunos tiveram de esperar uma solução, que acabou vindo dos próprios clubes. "Os remadores não puderam fazer atividades no lago, somente no solo. Alguns clubes passam dois barcos com uma corrente entre eles para recolher e afastar a vegetação e facilitar a passagem", diz. Por enquanto, a impressão dela é de que as plantas só estão aumentando.

» Memória

1978

O desequilíbrio do Lago Paranoá, decorrente de esgotos sanitários inadequadamente tratados e lançados no espelho d'água, provoca a disseminação de algas, que se concentram nas proximidades das margens e se decompõem, reduzindo o oxigênio na água. A decomposição é acompanhada de mau cheiro e da mortandade de peixes. Depois de tentativas frustradas de remoção das algas, a solução é adicionar sulfato de cobre à água.

1982

O crescimento excessivo dos aguapés se torna um problema no Lago Paranoá. Por falta de equipamentos adequados, inicia-se a retirada manual. Para mantê-los em um único local, são usadas toras de eucaliptos secos com pesos presos nas extremidades. Esse sistema mostra-se inadequado, pois é danificado pelo vento e por ações de vandalismo. Posteriormente, a retirada ocorre com uma draga.

1985

A Caesb encomenda a fabricação de um barco projetado para a remoção de aguapés. Essa embarcação começa a operar no lago, conseguindo manter sob controle a expansão do aguapé.

2008

Uma plataforma flutuante de aguapés se desloca para as margens do lago e bloqueia o píer do Minas Tênis Clube, em 3 de abril, impedindo a saída das embarcações. Com a ajuda de barcos e caminhões, técnicos da Caesb levam dois dias para retirar os aguapés.